

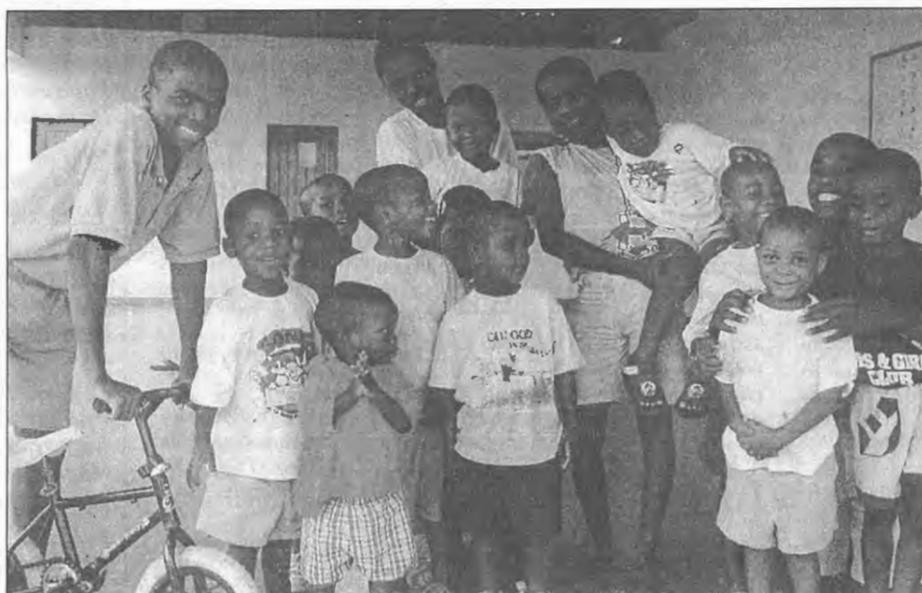


## África

**E**STE recorte do JN, intitulado «O Ocidente tem o dever moral de pagar erros do colonialismo», anda comigo há meses aguardando uma oportunidade minha de o reflectir. Mas nem por isso perdeu oportunidade, que os problemas abordados são e não se vê que deixem de estar para ser.

Eram então vésperas de uma «Conferência Mundial Contra o Racismo» que se realizou em Durban de 31 de Agosto a 7 de Setembro e da qual nunca li nada nem sei como acabou. Naturalmente, como em geral acontece em eventos desta natureza, debitam-se caudais de ideias... e fica tudo como dantes.

Primeiro há que clarificar conceitos de racismo e de colonialismo que são realidades inteiramente diversas. Segundo, há que distinguir no colonialismo um espectro largo de atitudes que vão de um ideal e prática de serviço ao homem até à exploração do homem. Mesmo sem o puritanismo deste século a julgar comportamentos de cinco séculos passados, a escravatura será em absoluto uma nódoa negra na História, exactamente porque o golpe definitivo nas mentalidades e estruturas que a cultivavam, foi dado por Jesus Cristo — e os quinze séculos anteriores da nossa era não a tinham



Moçambique — Os «Batatinhas» encantam os irmãos mais velhos!

abolido... nem os vinte séculos dela ainda verdadeiramente a aboliram. Mudaram as formas, mas não a realidade essencial.

Mas, talvez pior que ela, será o segundo capítulo da era colonial aberto pela Conferência de Berlim. A tónica das acções perversas muda de bandoleiros para Estados do Mundo dito civilizado que, com o seu poder irresistível, repartiram África segundo as

suas riquezas sem a mínima consideração dos Povos que a habitavam. O mapa político de África então estabelecido é, porventura, o cerne do pecado de que o Ocidente deve remissão aos Povos Africanos.

Como remi-lo? Agora, será certamente utópico voltar mais de um século atrás e apagar essas fronteiras fictícias, que definem Estados a que não correspondem Nações. A presença das Potências coloniais deixou marcas difíceis de delir nas áreas imensas que ocuparam. A língua, costumes, algumas estruturas de organização que abriram acessos a outras culturas e bens-padrão da vida moderna... são factos que fazem irreversível a caminhada feita.

Então como remir o Ocidente as suas faltas?... E se cada Potência, nos países que outrora dominou, sinceramente, sem outro objectivo que não fosse a reposição da Justiça que é o verdadeiro, o único fundamento da Paz, se empenhasse em congregar as etnias que os compõem e têm como forte vínculo de comunicação a sua língua? Ajudá-los a formar Nação no respeito pelo

Continua na página 4

### MOMENTOS

## As nossas Senhoras

**N**OS últimos dias de Outubro promovi e fiz com as Senhoras da Obra, em Portugal, um encontro na casa da Arrábida.

A reunião tinha uma finalidade definida em oito pontos. Só conseguimos realizar três, embora a assembleia durasse dois dias inteiros mais a tarde e a noite da chegada com a manhã da partida, pois nos caíram nas mãos uns apontamentos que uma das Senhoras, já falecida, tirou de uma palestra que o Padre Américo lhes havia feito em 1952.

À maneira dos Evangelhos, os quais nasceram da Tradição da Palavra celebrada entre os cristãos, fixando-se em escrita somente cerca de duas décadas após a Ressurreição do Senhor, assim, estas anotações aparecem agora como brasas acesas escondidas debaixo da cinza, mas vivas e de pujante e incandescente actualidade.

— Que fizemos então naquele silêncio belo e esplendoroso da Arrábida?

— Soprámos as brasas e incendiámos-nos.

O Padre Américo identifica as Senhoras como noutro lugar define os Padres da Rua.

Nestas linhas vê-se claramente o que o Fundador pensa da aventura de uma mulher que consagra a sua vida na nossa Obra.

Percebe-se, ainda, que ele tem uma experiência conventual que não lhe encheu as medidas. Neste rasgo ousado de vidas totalmente entregues aos Pobres, aos seus filhos e aos doentes abandonados, o Padre Américo vê o Evangelho com olhos de ver e ouvidos de ouvir e não como tantos que mal o vislumbram em parábolas e se instalam na segurança, à maneira do mundo com votos e botas.

Quem são as nossas Senhoras? «Pessoas a trabalhar com pessoas de toda a

espécie numa Obra sem solidéz, com muitos defeitos, muitas coisas tortas» que lhe parecem cada vez piores.

Expostas a tentações e perigos, a servir rapazes susceptíveis de as «malsinar e de malsinar também as suas ideias e os seus gestos».

Mulheres confundidas na rua com qualquer mulherzinha que passa.

Sem regularidade de vida espiritual. Sem imunidade. Parecendo a sua opção um disparate!

«O próprio confessor tendes de o procurar.»

O que as prende? «Morar com o Senhor como suas escravas.»

«Onde moras, Senhor? — disseram, certa vez, dois homens ao Mestre.»

«Que veriam eles em Jesus? Seria o porte? Seria a Pessoa? Seria alguma conversa que tivesse com eles ou com outrem? — Vinde e vede!»

Continua na página 3

### TRIBUNA DE COIMBRA

## Mãe

**A**NDRÉ e Ruben fizeram anos. Gémeos que são, fazem no mesmo dia nove anos. Alguém deixou-lhes um beijo de parabéns. Chamei-os e tentei que adivinhassem quem mandava a «prenda». Resposta pronta: — A nossa mãe! A mãe deles faleceu o ano passado. Julgo que ainda não tenham compreendido esse acontecimento, embora já lhes tivesse falado nisso. Ao funeral foi apenas o irmão mais velho. Esse, sim, já entende. Aos nove anos a recordação da mãe está viva no seu coração. Mais: é um apelo contínuo, inimaginável, do seu coração. Mas um apelo que não encontra eco. Temo que estes corações se tornem vazios e perturbem a razão... A deles e a nossa. Só o amor atento e desprendido poderá travar esse risco. Fiquei, assim, a olhar para a sua resposta tão inocente e tão razoável.

Bem recorda o poeta que as crianças são o melhor do mundo...! E se ao melhor do mundo dêssemos as mães, nenhum homem se perderia!

Como senti a orfandade materna dos pequenos neste dia do seu aniversário! Como senti responsável a Igreja a que pertenco pela maternidade que deve a estes filhos!

Também dei graças a Deus por tanta gente que se entrega, se dá na vida toda ou por algum tempo apenas. Lembrei-me principalmente do grupo das nossas catequistas que semanalmente promovem no coração dos rapazes a ideia de Deus como Alguém, Bom e Amigo, disponível como, incomparavelmente, o são as mães. Por fim, pedi a Deus que não esquecesse o André e o Ruben que neste dia do seu aniversário tinham recordado a mãe que já não têm ou, quem sabe, o colo de alguma que um dia destes por qui tenha passado deixando neles um rasto de saudade...

Padre João

## Malanje

### Céu límpido

**M**ANHÃ! O céu límpido e o azul vivo! É Domingo. Rezei na sombra das mulembeiras com o grupo de cristãos que, todas as semanas, vem cumprir o preceito dominical.

Esbeltas, as palmeiras acusam a brisa leve. O Sol desta manhã virou as folhas verdes das mulembas em lâminas de prata.

Ao contemplar esta pequena comunidade — vinda de três sanzalas e de quatro campos de refugiados — fiquei triste. Não chega a dois por cento... Ferrou-me a impressão de que nós ficámos, bicicleta suspensa a rodar sobre si própria.

O Povo tem fome de Deus! As seitas, de todas as cores e feitios, aproveitam o campo fértil e abandonado... É só entrar!

Daremos contas pelo nosso adormecimento e nosso afã quotidiano em busca do accidental.

Almocei com os quarenta rapazes da Carianga, um arroz branco com carapau frito. O Kalibre fez-me um cafezinho na lata habitual e já queimada... Delicioso! O Sol está declinando. O céu ficou pálido. Nuvens densas começam a surgir nas linhas do horizonte. A terra gretada espera a chuva.

Continua na página 4

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**POBREZA** — De acordo com um relatório da Comissão Europeia, elaborado a partir da análise de planos de acção nacionais contra a Pobreza e a Exclusão Social, o nosso País é o mais carenciado da União Europeia; e, ao mesmo tempo, um dos que menos dinheiro gasta com a protecção social.

O dito relatório refere, também, que «dezoito por cento da população da União Europeia, perto de sessenta milhões de pessoas, se encontra em miserável situação, metade das quais vive em condições de 'pobreza persistente'» — afirmam os técnicos especializados, para não tratarem doutro modo toda essa gente que sofre 'exclusão social', como dizem.

A taxa de «pobreza relativa», pessoas que vivem com um rendimento inferior a 60% da média nacional, chega a 23% em Portugal!

Se não fosse a generosidade dos Leitores, que seria dos Pobres aos quais damos a mão!

A propósito: Pelo que a gente vê, o rendimento mínimo garantido ainda não chegaria a boa parte dos mais carenciados!

**VOZ DO PAPA** — «Tereis a força do Espírito Santo que descerá sobre vós e sereis minhas testemunhas até aos confins da terra».

Desde há dois mil anos estas palavras do Senhor Ressuscitado empurram a Igreja para o mar da História, fazendo-a contemporânea de todas as gerações» — afirmou João Paulo II aos Cardeais.

Explicou, também, que o «mar adentro não é somente um empenho missionário mais forte, mas, antes de tudo, um maior empenho contemplativo».

«A Igreja, disse, deve afrontar hoje enormes desafios», ainda que o mundo «se mostre sensível à dimensão religiosa» acolhe dificilmente «o escândalo de um Deus que, por amor, entra em nossa História e se faz Homem, morrendo e ressuscitando por nós».

Para além disso, «no plano dos grandes temas da bioética, da justiça social, da instituição familiar, da vida conjugal, a Humanidade enfrenta-se com problemas formidáveis que questionam o seu próprio destino».

O Pontífice alertou, por fim, aos Cardeais: «Não estamos sós para percorrer o caminho que nos espera. Acompanhamos os sacerdotes, os religiosos e os leigos, jovens e adultos, para dar à Igreja uma imagem de pobreza e de misericórdia e de comunhão na vertente do amor».

**PARTILHA** — Monte Estoril: a assinante 43689 lem-

bra a alma de seus pais e sogros, com dez mil. Habitual cheque de Carregosa, não desejando «agradecimento nem recibo». Cinco mil, da assinante 71301, de Lisboa, pela «grandeza d'alma contida em vossas obras». Assinante 9277, de Coimbra, quarenta mil. Idem, da assinante 57002, Senhora da Hora, presença de Setembro e Outubro, para «uma família carenciada, das muitas que vos procuram». Lembra a alma de seu marido. Af está a assinante 1121, de Gaia, com dez mil, e «a amizade de sempre» — de há muitos anos! O mesmo, da assinante 35193, também de Gaia.

Anónima, da Senhora da Hora, cinco mil. Idem, da assinante 4514, da Damaia. A «contribuição habitual» da assinante 14493, do Porto. E dez mil, da assinante 65946, também da Cidade Invicta.

Seguem, na procissão, as assinantes 47307 e 49610, de Leiria: «Hoje, é o dia das Mis-

sões. Consideramos que também sois missionários — e de Missão!» O pensamento impresso na carta, é de F. Bacon: «A amizade duplica as alegrias e divide as tristezas».

Leitora de Areia, Vila do Conde, com «pequena ajuda para medicamentos». Agora mesmo, pagámos na botica quase setenta contos! Donativo da assinante 14708 «para alguma coisa mais urgente. É pouco, mas do coração». Um «pequeno contributo» da assinante 60788, do Porto: «Será para acudirem a carências de irmãos nossos que têm direito a viverem dignamente. E bem-hajem por nos lembrarem os mais necessitados». Oferta do assinante 71292, cujo valor saldou as obras da casa dos «Funcionários das Obras Públicas da Beira (Moçambique)», que trouxemos, religiosamente, d'África, em 1952! Da Capital, a habitual remessa da assinante 31104, que perora «orações pelos que perdi, não esque-

cendo nunca os que mais precisam» — acentua. Outro cheque, do assinante 24567, de Queluz, e «o Senhor continuei a ajudar-vos» — como tem feito aos nossos Pobres.

Fechamos a procissão com uma «migalhita para a mãe dos trigêmeos, que luta com dificuldades», cuja situação referimos oportunamente. Lembra, ainda, estas crianças a assinante 58512, de Aveiro: «Tenho seis bisnetos, pequeninos, que enviam um donativo para os trigêmeos». E mais um cheque, da assinante 36078, de Coimbra (qual Universidade de Pai Américo) para os bebês. «Oferta pequenina, mas com amor» — sublinha.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



André brinca com o Daniel — o mais pequenino de Paço de Sousa — que sorri para os Leitores.

## PAÇO DE SOUSA

**VINDIMA** — Finalmente, depois de tanto esforço e de algum tempo, o cansaço reflecte-se; mas depois de tudo, e com muita alegria terminámos a vindima — com bom resultado.

**LAVOURA** — Andam a preparar os campos para semear a erva de Inverno. Com os cuidados que estamos a ver, esperamos bons resultados!

**OBRAS** — Pois é, agora a nossa Aldeia, com os anos que tem, está um pouco esburacada. Procedemos à instalação de uma nova canalização de água e instalação de novos cilindros em cada uma das casas. Após esta tarefa, esperamos deliciar-nos com um duche quentinho!

Daniel

**DESPORTO** — Os Iniciados receberam a Associação Desportiva de Lousada. Um encontro de amigos. Com a continuidade de jogos, os rapazes têm ganho um certo tra-

quejo. Salvo um ou outro por menor, até parecem semi-profissionais!... Bom, quando assim é. Sinal que aproveitam o trabalho feito em conjunto, realizado, há já algum tempo.

Saber respeitar o semelhante, é sinal de que, no futuro, será mais fácil ocupar um lugar estável na sociedade em que vivemos, tão cheia de contrastes.

Pelo atraso do adversário, os rapazes começaram a ficar impacientes; mas, eis que eles surgem alegres e bem dispostos. Foi com essa boa disposição que começámos o desafio. No final do encontro, um resultado favorável. No entanto, não foi fácil. No fim da primeira parte estava ainda tudo em branco. O Fábio, que fez um bom jogo, não conseguia acertar na baliza. Sempre ouvi dizer: «Água mole, em pedra dura, tanto dá até que fura». Assim aconteceu. Depois do Macieira marcar um golo, Fábio e Rogério seguiram-lhe as pisadas. Os rapazes não desistiram e lutaram sempre até à vitória.

Antes de se despedirem, convidaram-nos para, em Dezembro, fazermos parte do lote de equipas para o aniversário da Associação Desportiva de Lousada. Tencionamos levar os

Infantis. Espero que continuem a tratar bem a «redondinha». Ao mesmo tempo para que sintam que, apesar de não terem tantos jogos como os Iniciados, não estão postos de lado. Pela primeira vez o Licínio entrou como titular. É esquerdino; e como não há muitos, insistimos para que ganhe mais confiança. Foi assim que o Ricardinho começou. Oxalá, o Licínio ganhe gosto e se aplique, como tem feito até aqui. Uma coisa é certa: se for humilde, vencerá com certeza.

Mesmo com um dia de chuva intensa, recebemos o Aparecida Futebol Clube. Nem o mau tempo fez com que a comitiva da Aparecida ficasse em casa. É o que se chama gostar de conviver com as camadas jovens. No entanto, tivemos um prémio: durante o jogo não caiu uma pinga de água!

Tudo correu bem. A equipa do Aparecida F. C., troca bem a bola e tem um futebol bonito e prático. Mas os nossos rapazes ficaram satisfeitos porque ganharam o desafio. O Luís Angelo, Rogério, Macieira e «Azeitona» encarregaram-se de marcar os respectivos golos, com a colaboração dos seus companheiros.

Alberto («Resende»)

## Destino III

Deus escolheu-te  
Viu em ti Seu servidor  
Para ajudares o próximo  
Com todo o fervor.

Deus escolheu-te  
Para pregar.  
Foste um pregador  
Da fé e do amor.

Deus escolheu-te  
Para amares  
E com todo o sacrifício  
Te dares.

Deus escolheu-te  
Para Seu mensageiro.  
Preferiste a pobreza  
Ao dinheiro.

Deus escolheu-te  
Pela nobreza da tua alma,  
Dedicação inteira,  
Mérito de palma.

Deus escolheu-te  
Para sofreres  
E com santidade  
Ao altar te ergueres.

Alberto Augusto

## SETÚBAL

**RAPAZES** — Uma rajada nos feriu o coração. O Hilário, irmão mais novo de cinco irmãos, foi-nos tirado por ordem do Tribunal de Odemira. Desumanamente, foi separado dos seus irmãos. É evidente que ele, mais do que nunca, necessita do carinho, presença e proximidade dos seus queridos irmãos, assim como eles necessitam dele, também.

Então pergunto: Será que um casal com um ano de existência tem experiência, amor e carinho, a afectividade necessária para oferecer a este menino, ao passo que a nossa Obra já criou milhares de rapazes que estavam perdidos e se voltaram a encontrar?

Contudo, sem certezas, levante-me a crer que há interesses meramente pessoais neste processo.

Agora, só nos resta esperar que a Justiça seja feita ou desejar boa sorte para os cinco meninos que nos foram «roubados».

Oswaldo Pires

## MIRANDA DO CORVO

**OBRAS** — Estamos a remodelar o rés-do-chão e o primeiro andar do edifício porque estavam um bocado «velhinhos».

Estas obras servem para embelezar e renovar a nossa Casa.

Neste momento, e no decorrer das obras, temos que fazer um pequeno esforço, pois estamos um bocado apertados nos quartos e nas salas que agora também fazem de quartos.

**HORTA** — Ultimamente temos plantado, na horta, couves e nabos; e, mais tarde, plantaremos favas e feijão.

Nós gostamos muito de verduras e também de legumes que nos fazem bem à saúde.

**CARA NOVA** — Veio mais um rapaz para a nossa Casa — o Walter. Tem nove anos. Veio do Zambujal. Na conversa que tivemos, soubemos que os pais estão separados. O pai bebia muito e batia-lhe. A mãe traficava droga e já tinha sido presa. Por causa dele, não ia à Escola.

**DESPORTO** — Em 27 de Outubro estreámos o novo equipamento oferecido por alguns amigos de Miranda do Corvo. Muito obrigado.

O jogo decorreu bem e não fomos além de um empate a três bolas com o Grupo Desportivo da Lentisqueira. Mas o que nós mais admirámos foi o convívio durante a tarde.

Ultimamente, temos andado a treinar, pois no dia 10 de Novembro receberemos os Iniciados de Paço de Sousa.

João Pequeno



Bráulio

## ENCONTROS EM LISBOA

## Roda da vida

**Q**UIS a roda da vida que, nos últimos tempos, fosse convidado a participar em três casamentos cuja celebração acontecia apenas no Cartório do Registo Civil. Em França já participei em muitos casamentos civis, dado que a lei da separação da Igreja do Estado prevê que, antes do Casamento religioso, se faça o casamento civil segundo as leis da República. Em várias ocasiões apreciei a dignidade do lugar onde se realizava o acto, decorado para uma acção solene. Apreciei também a dignidade de quem presidia, investido com os símbolos da República, para actos solenes e, embora sóbrios de palavras rituais e mais com palavras burocráticas, presentia-se que estávamos ali para a realização de um acto que ultrapassava a banalidade do dia-a-dia. Estávamos a efectuar um casamento, acto legal fundador de uma célula básica no bem-estar de uma sociedade. Estavam presentes os símbolos referentes aos valores identificativos de uma sociedade.

Cá fiquei completamente

decepcionado com o que vi nos Registos Civis a que acompanhei os noivos. Neste último, ao olhar para o que se passava, veio-me à cabeça a expressão «isto é um terrorismo simbólico». Subia-se a um primeiro andar por um corredor estreito e atafalhado de armários. Ficava-se à espera, num corredor sem luz natural e sem ventilação. Mas, mais decepcionante ainda foi quando entrei na sala onde se ia realizar o enlace. Uma sala muito estreita, parecendo uma despensa de algumas casas particulares com uma pequena mesa oval feita desses alumnios de escritório, forrada a fórmica com espaço para cinco cadeiras e três ou quatro pessoas de pé. Nem uma verdura nem uma flor. Verdade seja dita que se encontrava lá uma bandeira Nacional sem pose, sem jeito e sem destaque. Sentaram-se os noivos, as testemunhas, e chegou a senhora representante da República para presidir ao acto, tendo-se sentado em frente. Leu uma acta em tom imperceptível. Perguntou aos noivos se se casavam de livre vontade. Assinaram e

vamos embora porque estavam marcados catorze casamentos para as próximas duas horas.

A família, como se gosta muito de afirmar, constitui a base da sociedade. O casamento é um acto jurídico que funda a família nos seus direitos, nos seus deveres. Não vem para aqui a discussão sobre casamentos reli-

giosos sem religião, mas também não venho aqui para discutir ou argumentar sobre o amor como necessidade básica para a constituição de uma família. Mas creio que tenho o direito de pedir que seja dada dignidade à cerimónia. Os nossos jovens que se lançam na aventura de constituir a sua vida a dois, merecem que o momento em que assumem essa vida diante da sociedade civil seja revestido de dignidade, não só quanto aos espaços, mas igualmente quanto à forma.

Padre Manuel Cristóvão

## CANTINHO DAS SENHORAS

Realizou-se na passada semana, de 23 a 26 de Outubro, o tão esperado Encontro das Senhoras consagradas ao serviço da Obra da Rua, o que não acontecia há oito anos.

O Encontro realizou-se na casa de férias da Arrábida, um lugar de grande beleza e muito convidativo também para a nossa parte espiritual.

Os pontos essenciais desta reunião foram: trocar impressões e tentar entender e actualizar as palavras dirigidas pelo Padre Américo às Senhoras da Obra, há cerca de cinquenta anos.

Houve diálogo permanente e falámos de vários problemas com que nos debatemos e enfrentamos todos os dias.

Afirmámos, compenetradas, que certos problemas devem ser encarados com seriedade para o bem-estar das comunidades e do futuro desta grande Família, ensinando e respeitando os verdadeiros valores da vida.

Enfim, naturalmente desejamos uma «vida melhor», mesmo com sofrimentos e contradições neste palco giratório da nossa actividade, buscando entendimento e percepção das coisas verdadeiras para nos defendermos do mal, dos erros da nossa sociedade.

Esperamos que outras ocasiões apareçam para encontrarmos soluções concretas aos pontos debatidos e também com a participação das Senhoras nossas irmãs que se encontram em África, as quais não foram esquecidas neste Encontro.

Preciosa

*Damos pousada!... No nosso coração. Sabemos como e a Quem: Aos pequeninos inocentes filhos de Deus.*

*Remimos pecados dos homens. Fazemos uma vida redentora. Vamos remindo, aturando e aturando-os.*

*Que importa que a vida custe?!... Que o nosso serviço não renda, que alguém diga que vamos mal.*

*Quem como nós? Quanto não há-de receber quem passou a vida a fazer o bem?*

*São Paulo dizia: — Eu sei a Quem sirvo!*

*Somos menos? Somos mais? Nem mais nem menos! Vale a pena trabalhar por uma morte gloriosa.*

*Depois... o espanto final!...*

## Momentos

Continuação da página 1

*«Apesar da força negativa da nossa Obra sois felizes!...»*

*Os Padres da Rua «tão secos, tão duros, sempre atarefados sem atenderem nunca! Contudo, estais presas sem nada que se veja, sem nada do que o mundo oferece. Nada disso vos seduz. Procurais outro lado, outras seduções, outro ideal. Vós ides para aquilo que não presta, para aquilo que custa. A parte negativa é a que trabalhamos todos os dias.*

*Anda e vê!... Destes em cheio! Encontrei a veia que alimenta a alma, e se a alimenta, é para a Vida Eterna.*

*Estamos no Reino das promessas.*

*Quem é que promete?!*

*E quem cumpre?*

*Nunca o coração humano foi capaz de sentir o que vós sentis. Vós já saboreais.*

*Gostais daquilo que amarga. Nós estamos a dar de comer a quem tem fome... de pão... de carinho... de ternura... de segurança afectiva... fome de Mãe...*

*Não é figura, é real!*

*Nem compreendemos bem o que fazemos quando o estamos a fazer.*

## LAR DO PORTO

## CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Está escrito: *Amarás!* Os vicentinos devem, em primeiro lugar, amar os Pobres com toda a sua força de amor.

Por vezes, esquecemo-nos que eles estão sempre ansiosos por uma palavra de conforto. Existem ocasiões em que as verdades mais simples, são as mais difíceis de explicar. O amor evangélico, que há em

tantas leituras, é para nós uma fonte de amor para transmitirmos aos mais carenciados.

Um vicentino é um evangelizador nas visitas que realiza durante os dias do ano. Além do nosso carinho, com a vossa ajuda levamos uma oferta material para minimizar as suas mágoas, que só quem as teve e ouve, entende o que lhes vai na alma.

Mais uma vez apelamos ao pelouro de Habitação da Câmara Municipal do Porto, que nos ajude a resolver o problema de uma família, onde vive tia e sobrinho. Um quarto com sete metros quadrados, faz

de cozinha, quarto de banho e de dormir. A senhora é muito doente. A dependência não tem o mínimo de condições para higiene pessoal. O sobrinho também é um senhor doente. Por este motivo apelamos a quem de direito que nos ajude a resolver este problema.

## CAMPANHA TENHA O SEU POBRE

— A nossa amiga Edla, de 88 anos, presente com um cheque por alma de seus pais: «Antes de me empregar vivíamos muito mal!» Assinante 22596, roupas e brinquedos: «Gostaria que dessem aos meni-

nos a quem irão pertencer, a mesma alegria que deram aos meus filhos». Assinante 33275, um cheque «para ajudar os vossos Pobres no Natal». Judite, 5.000\$00. M. M., 10.000\$00. Emília, idem. Dolores, cheque de 2.000\$00. Assinante 24567, um cheque. Novamente M. M., vale de 10.000\$00.

Só com o vosso contributo conseguiremos continuar a manter a nossa caminhada. Bem hajam todos.

*Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.*

Casal Félix

## DOCTRINA



Um ano depois

**J**Á temos edifícios concluídos para uma comunidade de 126 indivíduos. Rasgámos a nossa formosa avenida. Fomos buscar água a dois quilómetros, que já cai dentro dos muros num jacto de duas polegadas. Nas 26 quinzenas do ano, demos 509 contos aos trabalhadores das redondezas e outro tanto foi distribuído por indústrias que nos fornecem o material. Sentamos, actualmente, 70 pessoas à mesa. Cultivamos a nossa quinta. Temos a nossa Escola. Publicamos *O Gaiato* que fala e sente como eles.

— **M**AS onde é que ele vai arranjar tanto dinheiro!? — exclama o mundo apavorado. — Sim, onde?... — Mestre, se assim é, quem pode salvar-se? — A Deus tudo é possível — foi a resposta de Jesus aos homens do Seu tempo. Pois deixo aqui a mesma resposta a todos quantos duvidam. A tal ponto se esqueceu o Evangelho que vivê-lo é escândalo.

**E**U quisera que a Casa do Gaiato fosse um monumento de fé, aquela mesma que o Apóstolo define como sendo o fundamento das coisas que se esperam e a demonstração das que se não vêem; de tal sorte que o visível seja feito do invisível. Sim. Que as dificuldades visíveis dos trabalhos de construção do que já se fez, sejam um fruto da promessa divina — nada é impossível.

**A** Obra da Rua não é somente dos pobres; é também dos ricos. Mais destes do que daqueles. Assim há-de ser. «Saiba, padre, que em certo Domingo de Agosto, no Forte de Santa Catarina, na Figueira da Foz, não fui eu que dei a esmola, mas você; a esmola fecunda, milagrosa; uma luz na escuridão que fez de mim, para sempre, aos quarenta anos, um dos seus gaiatos da rua, um dos seus amores, uma alegria pequenina!» Sim. Mais destes do que daqueles.

*O. Amín. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

É cara a cara.

*São os olhos da alma! A Luz da Glória!*

*Quando dissestes, Senhor, que precisavas do meu trabalho, do meu carinho, da minha ternura, dos meus cuidados e dores?!...*

*Estas são as verdades que nos não-de encher a alma!...*

*Em nome de Deus prometo-vos que nunca vos há-de faltar nada!*

*Cada uma de vós é como que um esteio da Obra!...*

E a última recomendação, aquela que é a mais difícil de atingir e só se conseguirá com persistente querer e orar: «Mas para ser necessária e útil à Obra, só sendo cada vez mais pequenina e rasteira».

Haverá no mundo caminho mais sublime para uma mulher? Mais heróico, mais exigente e mais honroso? Onde a Fé se apalpa continuamente?

O despojamento total. A entrega contínua e concreta. A obediência forçada pelo amor e a pobreza pelas circunstâncias. A dependência de Deus, contínua, e a Esperança necessariamente elevada!

Uma mulher livre, seja em que estado se veja, se pretende viver o Evangelho como Jesus o viveu e tem ainda forças, encontra na Obra da Rua um filão riquíssimo para explorar e se alimentar!

Se nós precisamos? Mais do que nunca! O mundo continua a rejeitar sistematicamente as crianças abandonadas. O Estado, apesar da técnica e com a técnica, é cada vez mais frio.

O calor da Mãe continua a ser a maior riqueza de todos os tempos! E numa Casa do Gaiato o dom mais precioso!...

Padre Acílio

## Mercado de trabalho

**O**NTEM voltei a pedir emprego numa empresa de ponta, para um dos rapazes mais velhos. Senhor engenheiro amigo e sua esposa vieram visitar a nossa Casa, como já o têm feito, outras vezes. Eram portadores dum oferta de dois mil e quinhentos dólares e palavras de muita simpatia. Agradei, como era meu dever, e aproveitei a ocasião para lhe fazer o pedido tão importante como o dinheiro para a nossa vida: arranjar emprego para os rapazes mais velhos. Deu-me a promessa e fiquei com a esperança. Neste momento, vejo-me a braços com duas aflições internas, que as externas não têm conta. São os filhos criados e os trabalhos dobrados, como diz o provérbio. Dos cento e cinquenta rapazes que moram em nossa Casa, sessenta têm mais de dezoito anos até aos vinte e três anos. É um número muito grande com idade para ser lançado na vida de trabalho normal. Aqui está o problema: o mercado de trabalho não funciona tanto quanto é preciso. Lançá-los na rua, de novo? Não, enquanto pudermos levar amorosamente esta carga. Aliás, este problema aflige a multidão de pais que não encontram saída dos seus

# Benguela

filhos para a vida. Há um estrangulamento muito perigoso no mundo do trabalho, por causa da paralisia que afecta as empresas. Multidão de jovens andam pelas ruas das cidades e dos bairros a viver das migalhas que vão arranjando, para não morrerem de fome. Aflige-me esta situação de miséria em que vive grande parte da juventude e não quero a mesma sorte para os nossos, depois do suor e das canseiras para os criar até esta idade. Por isso, é com muita esperança que recebo as promessas de colocação digna na vida, porta aberta para a constituição da família que há-de substituir a que tiveram até agora. Vieram do abandono e não queremos que regressem à rua. Estamos a pensar na casa onde devem viver e ser pais de família.

## Habitação

Nada no mundo se deve opor ao rapaz idóneo e de recta intenção. É gravíssimo o problema da habitação. Constrói-se de qual-

quer maneira, sem o mínimo de condições humanas. Mais: é impossível uma construção aceitável sem um programa de ajuda à habitação. Os materiais de construção são caríssimos para o nível de vida que o povo tem. Multiplicam-se, por isso, as cubatas, onde vivem em amontoado de pessoas, em promiscuidade alarmante, com as consequências graves que resultam daí. Ao falar deste modo, estou a pensar no futuro dos nossos rapazes a quem gostava de ver em casa digna, embora pobre, com certeza. Onde pudessem criar os seus filhos em ambiente arejado e saudável. Onde se sentissem presos, de tal sorte que a casa fosse o lugar mais apetecido. Estou a pensar na família, célula da sociedade, com saúde. Quem dera que os homens do poder oíçam a voz destes filhos da Nação. Que se façam planos simples de urbanização que ajudem a pôr um pouco mais de ordem na anarquia que reina nos nossos bairros. Seria um estímulo à construção mais humana. Tudo isto é possível com os quadros humanos que

existem. Falta, com certeza, muito amor à terra onde vivem. Quem ama, de verdade, quer sempre melhor.

## Outra aflição

É a dos pedidos de entrada em nossa Casa. Anda ligada à aflição anterior. Se os mais velhos não saem, não há lugar para a circulação de gente nova. Tenho muita pena porque são quase duas dezenas os pequenos que aguardam a hora da entrada. A demora é prejudicial porque a idade avança. Que fazer? Ter paciência. E não é em vão, estou certo. Levo em minhas mãos uma lista de todos os mais velhos para frequentar cursos profissionais em local preparado. Levo também algum temor pela não correspondência de algum. Se nem todos se salvarem, não há lugar para desânimo. Importa semear, por igual, em todo o terreno. Pai Américo sonhava: «Nada mais belo à nossa vista do que observar cônjuges na flor da vida, com seus filhos em redor; e nada mais feliz para eles. Toda a sociedade que se organize para este fim chama-se Povo bem organizado». É o ideal em que se projecta a acção da Ohra da Rua.

Padre Manuel António

## SETÚBAL

# E fez-se «justiça»...

**H**Á três meses, fizemos esta crónica, com um misto de alegria e amargura, dando a conhecer a situação de cinco irmãos que, numa linda Vila deste País, em pleno Alentejo, viviam entregues a si próprios. A mãe abandonara-os e o pai não tinha condições para os criar.

O mais pequeno, com um ano de idade; o mais velho dos cinco com quinze anos, qual guardião do pequeno benjamim. Vi-os muito ligados, sinal de que ninguém os deveria separar. Daqui a razão de insistirmos em mantê-los juntos em nossa Casa do Gaiato de Setúbal.

Vieram e rapidamente se integraram e de nós fizeram a sua família. Também nós todos nos ligámos a eles, de modo que, especialmente o mais novo, era o sol e o centro de todas as atenções dos rapazes. Andava de colo em colo, abeirando-se de cada um de nós com o seu pedido: «coil!»

A vida decorria normalmente, até que num destes dias chegou uma carta do Tribunal Judicial de Odemira, notificando-nos de que o mais pequeno nos era retirado e colocado junto de um casal que o é, há um ano; e finalizava: «a aplicação da medida é imediata».

Pensámos ser uma medida de fácil e óbvia alteração, porque sempre acreditámos no maior valor em manter os irmãos juntos, nem que fossem integrados noutra família que não a nossa.

Demos a conhecer o nosso pensamento à senhora Doutora Juiz de Direito, autora da dita medida. Mas era um despacho formulado em definitivo — o bem da criança, a sua felicidade, o ter alguém a quem chamar pai, uma família que lhe desse carinho e afecto...

As nossas palavras, afirmando que tudo isso ele já tinha connosco, de nada servi-

ram. Foram mesmo consideradas ofensivas, ameaçadoras, quando questionámos ser um casal tão novo, sem filhos, teria condições de estabilidade, presente e futura, para garantir aquilo que esta nossa família com mais de sessenta anos, que já criou tantos filhos, pode e tem tido?

E o mais doloroso: a separação dos irmãos! Já haviam sido afastados dos pais naturais, por razões antes ditas; já haviam sido separados das irmãs, particularmente a mais nova que ficou com uns tios; agora separá-los, eles tão importantes uns para os outros, ajudando ao equilíbrio dos mais velhos a presença do mais novo, e este sentindo nos mais velhos a presença da família natural, que tem laços que ninguém pode substituir!?

Peguei em todos os cinco, com a concordância e sentir comum da nossa Comunidade, e fomos estrada além até à alva Vila, agora cinzenta como a borrasca. O mais novo foi no colo do mais

velho — assim o quiseram e ditaram as leis da Natureza.

As leis dos homens, ainda que não as possa considerar mal feitas, foram lidas com os olhos de quem não ama e mostra não conhecer a vida, embora fale também em nome do amor.

Era uma prima afastada, que nem o mais velho dos cinco irmãos conhecia, de quem nunca ouvira falar, que ia acolher com seu marido, o pequeno benjamim.

A nossa exigência era que se mantivessem unidos os cinco irmãos. Não podíamos pactuar com tamanho atentado a este valor.

A sentença manteve-se. Não tive a dita de olhar nos olhos a senhora Doutora Juiz que falou comigo somente através de intermediários. Foram três horas e meia de sofrimento dentro da *Domus Iustitiae*, construída para fazer Justiça.

É certo que a lei diz que a família de sangue tem prevalência sobre as instituições que recebem crianças

em perigo. É também verdade que as famílias de acolhimento destas crianças, recebem um salário mensal de algumas dezenas de contos de réis para as acolherem. E quem garante e acompanha a necessária contrapartida deste salário?

Nós não queremos qualquer destes salários. Damos-nos aos rapazes, é garantia de recebermos o centuplo dos nossos trabalhos.

O pequeno benjamim foi-me arrancado quando procurava refúgio. O mais velho ficou a banhar-se em lágrimas, enquanto os outros, sem compreenderem totalmente o que se estava a passar, reagiram a seu modo.

Despedimo-nos com um beijo e a bênção da certeza de que Deus nos havia de fazer Justiça. Avançámos até onde fomos capazes. Quem nos há-de defender?

Sai do edifício, contingente como os homens que o dirigem, com um pensamento que me acompanhou no regresso a Casa, e ainda vai aflorando de quando em vez, que se fez justiça à maneira dos homens. Sustém-nos a esperança de que «a misericórdia triunfa do juízo».

Padre Júlio

# Malanje

Continuação da página 1

## Fim do cacimbo

**C**APIM ressequido, tocos das queimadas e seiva adormecida. Aqui e além uma flor, vermelho-vivo, e alguns arbustos de flores brancas saltam à vista e cantam os dons desta Natureza.

Choveu ontem. O céu ficou límpido! Nítidos, lá longe, os contornos das colinas! O leve marulhar das folhas e, distante, o canto dum pássaro, avivam este silêncio. Breve, o capim vai romper. Vales, encostas e montanhas ficarão estonteantes de verdura. Presente, num contraste que arripia, o pensamento da guerra e da fome...

Loucos, que somos!

A Natureza nos fala e se oferece... Perdemos a capacidade de ouvir a sua voz e de beber a sua beleza! Triste Humanidade!

## Coragem da verdade

**P**ADRE Custódio agarrou e abraçou a disciplina e educação em casa, em boa hora.

Vi-o hoje um pouco triste e desiludido com o fraco aproveitamento no já próximo fim deste ano escolar, apesar de tantos esforços que ele tem feito pelo aproveitamento e assiduidade no estudo.

São as falhas e o «tal sal» quotidiano...

Hoje foram quatro os faltosos: Hora de estudo e eles encantados na telenovela... Quando o pressentiram: dois pela janela, um para o sótão e outro esbarrado debaixo da cama!

Pior que a falta, mil vezes, é a mentira e a fuga, pois caminho para a falta de carácter e maturidade.

Tão bela e nobre a coragem da verdade! «Fiz mal, perdão.»

Tão repugnante o costume da fuga e da mentira!

Padre Telmo

# África

Continuação da página 1

*pluralismo de Nações que constituem, talvez mediante uma organização federativa que garantisse a unidade fundamental na convivência concertada de todos, em autonomia possível e com a dignidade que é um direito comum.*

*Naturalmente que os meus olhos e o meu coração estão fixos em Angola e só por extrapolação penso o que escrevo a respeito de tantos outros países africanos, quase todos oprimidos por problemas semelhantes. Penso-o por mim e em comunhão com aquela força que desde há dois anos brotou do seio de angolanos descomprometidos do poder político e cresceu e se organizou e foi chamada Amplo Movimento de Cidadãos, agora já com seus responsáveis eleitos. Quem dera nunca o AMC ceda à tentação de se transformar em partido político, justamente para não perder a força política que é.*

*Os porta-voz das duas ONG portuguesas que estão na origem desta crónica e creio terem participado na dita Conferência de Durban, insinuam o dinheiro como forma de «pagar erros do colonialismo»; e acusam o Governo português de insensibilidade e falta de colaboração. No primeiro ponto julgo que erram, até talvez por ignorância de como por lá se dissipam sem nenhum proveito do Povo, os bens materiais que se fazem lá chegar; e pela incapacidade para uma gestão racional, criadora de progresso generalizado se qualquer projecto não for acompanhado a par e passo pelos que o proporcionam. No segundo ponto acertam em cheio. Portugal tem uma dívida enorme para com o seu ex-Ultramar e para consigo mesmo, não tanto pelos seus erros (quem os não tem?), até mesmo alguns males praticados enquanto País colonizador. Tem-na por omissão, pelas suas continuadas omissões.*

*Se o dinheiro (que nem seria o modo mais prudente de uma ajuda) não é a forma primária de pagamento da dívida — temos pessoas, deveríamos qualificar pessoas, animá-las e fomentar sistematicamente a sua ida para serviço de promoção daqueles Povos. As áreas do Ensino e da Saúde seriam prioritárias. Na primeira não faltam por cá agentes no desemprego. Na Saúde até cá faltam, por uma misteriosa política de exigência de classificações altíssimas, despropositadas, aos candidatos a Cursos Superiores nesta área.*

*Em Maputo temos duas enfermeiras espanholas a trabalhar connosco. De Angola, os nossos padres frequentemente dizem com tristeza que algum médico que encontram, vem da Ásia, do Centro da Europa ou de Cuba.*

*Claro que esta presença de portugueses qualificados, custaria dinheiro ao Estado Português, mas era uma forma inteligente de ir pagando a dívida e de mantermos uma relação humana e cultural com Povos carentes e que nos querem preferencialmente. Assim quissem os nossos governantes!*

Padre Carlos